



NA TRILHA DE MARECHAL RONDON: ORIGENS HISTÓRICAS DE VILHENA

Fábio Santos de Andrade (UNIR)

Ivanor Luiz Guarnieri (UNIR)

Introdução

A pesquisa aqui apresentada se encontra em fase de desenvolvimento, a partir de projeto apresentado ao GEPS – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas. Trata da História de Vilhena, cidade politicamente situada no Cone Sul de Rondônia e que guarda significativo papel não só na história regional, como também na história do País. Isso se deve em razão de sua localização geográfica de divisa de estados e proximidade com a Bolívia, o que lhe inseriu no projeto de integração nacional ainda na época da República Velha (1889-1930). Nomes conhecidos da história da nação nela estiveram ou por ela passaram, sendo que alguns contribuíram significativamente para seu desenvolvimento. Nesse sentido vale começar a destacar os esforços e os trabalhos da Missão Rondon, que estendia linhas telegráficas a bem melhorar a comunicação dessas terras com o sudeste e sul do País. Tal comunicação se mostrava no contexto das ações que visavam manter o território sob a posse do Brasil, pois era dado o risco dos possíveis interesses das nações vizinhas em dele se apropriar, como já ocorrera com os bolivianos e os peruanos em relação ao Acre na primeira metade do século XX.

Inicialmente a pesquisa aborda os trabalhos de Rondon e de seus homens, mas projeta outras possibilidades, como a abordagem de modos de vida de indígenas e migrantes, a facilitação da migração pelas companhias de ônibus, graças à abertura de estradas capazes de trazer homens desejosos de riqueza e progresso. Isso tudo aponta para as características da população vilhenense da atualidade, constituída por pessoas de diferentes origens, costumes e sotaques.

Cabe destacar que a pesquisa desenvolvida até o momento, intitulada “História de Vilhena: das origens à emancipação (1907 – 1977)”, procura estudar a história dessa importante cidade do Cone Sul de Rondônia, a partir de suas origens até a emancipação

política. Para tanto delineia começar pelo início da ocupação em Vilhena, notadamente com a chegada da Comissão Rondon, quando da efetiva ocupação do território pelo homem branco, a partir de uma política de Estado. A primeira hipótese, e a mais óbvia, é de que a ocupação do território onde está instalada a Vilhena atual ocorre por uma política do Estado Brasileiro, tendo em vista os trabalhos da famosa Missão Rondon, responsável em grande parte pelos desdobramentos que levaram aos desenvolvimentos posteriores na região. Por conta disso, na primeira etapa da pesquisa, o estudo de fontes históricas se dá principalmente pelas obras do próprio Marechal Rondon e de Roquette-Pinto, que participou da missão de 1912. Somados a essas obras há outros documentos do período, como os relatos do presidente Roosevelt descritos na obra “Nas selvas do Brasil” e principalmente como o início dessa ocupação foi interpretado por pesquisadores e estudiosos do assunto.

A necessidade dessas primeiras abordagens se dá em função da presença de Marechal Rondon na História e no imaginário Vilhenense e de Rondônia, não por acaso herdeira de seu nome, como consequência de uma origem primeira. O que se depreende dos livros fontes utilizados é uma forma de elogio, às vezes piegas, ao trabalho deste militar, muitas vezes apresentando-o como o herói por meio do qual os acontecimentos foram efetivados. O foco excessivo na figura de Rondon, mesmo que em alguns aspectos seja merecido, acaba por obscurecer outras razões para a ocupação do território em apreço. Considerem-se nesse caso as pretensões do governo do Brasil, já que o Estado Brasileiro, temendo a perda de espaços geográficos para países vizinhos sentia a necessidade de melhorar a comunicação com estas terras. Em razão disso também, de alguma maneira, favorecer a ocupação delas por brasileiros e, principalmente, manter as tribos indígenas favoráveis ao Brasil, o que está de acordo com o proceder de Rondon em pacificar os indígenas e evitar ao máximo o derramamento de sangue.

A pesquisa em desenvolvimento não pretende ficar apenas nesses aspectos iniciais, outros elementos da história de Vilhena se desdobram a partir daí, notadamente com estudos sobre os povos que habitam a região, os imigrantes e as diferentes culturas que formam Vilhena. Nesse sentido a história de *Annales* se mostra proveitosa ao abrir possibilidades de abordagem de uma história de longa duração, repleta de significantes que a história positivista ou do historicismo não permite.

Constituída no Sudeste de Rondônia, Vilhena se apresenta como integrante, econômica e socialmente, do chamado Cone Sul deste estado. De características acentuadamente sulistas, se comparada ao restante de Rondônia, tem sua história marcada por dois grandes períodos: o das primeiras incursões motivadas pelo projeto nacional de integração do norte do País, destacando-se as linhas telegráficas estendidas pela Comissão Rondon, e num segundo momento pela ocupação efetiva e desenvolvimentos trazidos pela construção da Rodovia BR 029, atual 364.

A questão que se apresenta no início da investigação está ligada ao problema da organização histórico-social de Vilhena, investigando como ela se constituiu como município e se desenvolveu como cidade. A pesquisa tem em mira o imaginário social, ou seja, como foi construída a identidade do que pode ser chamado de Vilhena e vilhenense.

O primeiro aspecto a observar é a presença significativa de Marechal Rondon no imaginário da cidade. Por isso, a investigação começa por ele, procurando conhecê-lo tanto como biografia quanto em relação a sua obra ou feitos, já que são esses que o tornaram importante, e não o contrário. Ou seja, o homem é aquilo que ele faz como ensina Sartre. Então é preciso considerar os feitos de Rondon que levaram a dar nome ao estado e fazer-se presença como artefato histórico importante em Vilhena, como no caso de avenidas, como a Marechal Rondon e a principal da cidade, a Avenida Major Amarante, nome do genro de Rondon.

Um segundo aspecto da pesquisa, ainda a ser mais bem delineada pela consulta a documentos de época cotejados com a teoria da história, visa conhecer as correntes migratórias, no que diz respeito a suas origens, períodos de migração e características próprias. Aquilatar aspectos de permanências e modificações ocorridas ao longo do período, acompanhados das mudanças econômico sociais no contexto de Brasil. Nesse caso, e dito de outro modo, há duas causas preliminares de mudanças que devem ser consideradas: o que é específico nas mudanças como resultado do contato dos migrantes com a realidade nova de Rondônia em Vilhena, e como as mudanças mais amplas no País foram recepcionadas aqui e de certa forma interferiram no modo de ser do vilhenense.

De início, observando estes eixos condutores da pesquisa, esta poderá e deverá se desdobrar em outros aspectos que só o desenvolvimento do trabalho poderá indicar. Em relação a isso já pode ser apontada a importância dos caminhos pelos quais os migrantes chegaram às terras rondonianas e, particularmente em Vilhena. Seja destacada a construção da rodovia BR – 364, canal de grande fluxo migratório a escoar pessoas pela região.

Sobre a presença de Rondon, ressalte-se que ele não o único, e seguramente não era solitário em interessar-se por essa região. Militar que era deveria cumprir ordens que o escolheram para dirigir os trabalhos que resultaram na região em apreço, como informam os artigos do Jornal do Comércio, coligidos pelo Senado Federal (2011, p. 17).

Resolvendo o Sr. Afonso Pena construir a linha-tronco de Mato Grosso ao vale do rio Madeira, para depois a levar ao Acre, a Purus e a Juruá, como também a Manaus, convidou Rondon para chefiar essa nova comissão [...]. Aceito o convite, sem vacilações, Rondon imediatamente elaborou, com o ministro Calmon, as instruções publicadas no Diário Oficial em maio de 1907.

É preciso notar que os trabalhos e a construção iam além da simples colocação da linha telegráfica. Junto aos afazeres específicos da comunicação pela telegrafia também se destaca que, na famosa missão Rondon, vieram antropólogos, etnógrafos e demais especialistas. Os objetivos da Missão, os trabalhos realizados e os resultados deles já para os primeiros anos após a construção da linha telegráfica, ligam-se indissoluvelmente à história de Vilhena. Daí a importância da pesquisa sobre esses primeiros aspectos.

O presente artigo inicia considerando aspectos da historiografia, apontando diferentes modos de conceber o passado, num quadro amplo que visa fazer um balanço das questões com as quais o projeto teve de haver-se para colocar-se em desenvolvimento e pesquisa. Em seguida trata mais diretamente do que está sendo investigado, apontando objetivos, metodologias e resultados iniciais.

Referencial teórico

O trato da história pelos historiadores sempre foi variável, pois o próprio fazer desta tem uma história que se prende em última análise ao desenvolvimento epistemológico. De modo geral é possível classificar a história e suas abordagens, pelo menos nos dois últimos séculos em história-narração e história-problema. São duas maneiras de fazer história que guardam minúcias e particularidades, mas que, tomadas genericamente, abrangem procedimentos encontráveis ainda no modo como a história de Rondônia tem sido escrita.

Muito antes, porém, desses dois tipos de escrita da história, a narração e a problema, os homens já se ocupavam com o passado. Ao bem da verdade, pelo menos desde os gregos o passado instigava os estudiosos e os levava a narrativas que tinham um caráter mais de exemplificação do que de esclarecimento sobre o ocorrido. Acima de tudo o acontecimento era útil para dele extrair exemplos de como proceder ou das ações que se mostravam desastrosas e deveriam ser evitadas. A utilização de feitos passados para retirar lições proveitosas aos homens do presente se faz sentir em escritos de Heródoto e Tucídides. É certo que essa perspectiva não se esgotou e nem ficou circunscrita à Grécia antiga. De certa maneira, e guardadas as circunstâncias singularíssimas da Florença dos séculos XV e XVI, é o que faz Maquiavel, ao tratar da obra de Tito Lívio, em especial nos “*Discorsi*” (MAQUIAVEL, 1994). É claro que, nesse caso, o filósofo florentino já se ocupa de material elaborado pelo historiador romano, Tito Lívio, mas não deixa de ser relevante como a história é tomada por ele para ensinar e dar sugestões. Noutra obra mais famosa, “*O Príncipe*” (1991), Maquiavel fará uso deliberado, contundente e com grande sucesso da fórmula *historia magistral vitae*, dando lições retiradas da história e oferecidas aos governantes dos principados italianos, de como deveriam proceder, numa forma de escrita típica dos espelhos de príncipes.

Entre os gregos e Maquiavel, no período do auge da Idade Média, dado seu caráter profundamente embevecido do sentido religioso, a história será tomada como possuidora de um sentido que é dado por Deus. Desde a criação adâmica e da estada do homem no paraíso terrestre, passando por sua queda, com as consequências daí

advindas, em seguida com os ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos até o tempo do presente. Numa narrativa histórica que privilegia essa perspectiva, o passado é visto como tendo uma história intrinsecamente dotada de força que conduz de modo linear, da Idade do Pai (tempo adâmico), do Filho (tempo de Jesus e dos discípulos) e longo tempo do Espírito Santo, no qual se vive o aguardo do apocalipse ou da segunda vinda do Salvador.

A sugestiva ideia de que a história guarda um sentido e de que este é dado por Deus não é obra só dos homens da Idade Média. Embora noutro contexto e tendo em vista outros objetivos, o grande filósofo Hegel, se valendo de outras explicações para o desenvolvimento e mudanças observados no passado, também verá na razão dada por Deus um sentido e uma finalidade para a história (HEGEL, 1953; 1990). Isso implica dizer que em contextos diferentes a invocação de um fundamento único para a História pode ser considerado, apesar dos propósitos específicos de cada caso.

Se na Idade Média predominava certa concepção de história que buscava fundamentar-se no Transcendente, no Século das Luzes a virada dada pela *Histoire Philosophique* buscava elementos do mundo cotidiano por ele mesmo. Para tanto, e na esteira dos desenvolvimentos trazidos pela física newtoniana, os filósofos, ao se ocuparem do passado, encetavam organizá-lo em um sistema no qual pudesse ser percebida certa automatização da arte, da política e da própria religião. Os diferentes aspectos a serem abordados e narrados poderiam então fazer parte do sistema explicativo racional, e não mais meramente teológico como se tinha. A natureza para a física e os fatos humanos observados no passado deveria valer por si serem estudados por eles mesmos, o que já indica a possibilidade de uma razão da história dada nela mesma.

Enfim, depois dos homens da Ilustração, o século XIX reservaria finalmente lugar de destaque para os estudos historiográficos. Se até então a história era tratada por filósofos, ou por professores de literatura, que precisavam explicar o contexto no qual as obras literárias haviam sido produzidas, ou ainda por outros estudiosos e homens cultos que cultivavam o as belas letras, finalmente no século XIX o espaço denominado de “Mundo dos Historiadores” (NEVES, 2011). De fato esse é um século pródigo em criar ciências. Depois da física e química nos séculos XVII e XVIII, era a vez de as

pesquisas voltadas para o humano serem organizadas com o estatuto da ciência. São desse período, além da história, a antropologia e sociologia, ciências que acabarão mais tarde emprestando seus métodos e abordagens para o proveito das pesquisas históricas. É no contexto da Europa, e mais especificamente dos países mais desenvolvidos desse continente, que a história será organizada, terá estatuto e prestígio próprios.

O prestígio repentino da história e seu reconhecimento são explicáveis no contexto das nações europeias em franco desenvolvimento e organização, a partir do final do século XVIII (HOBSBAWM, 1990). Era forçoso realizar demarcações capazes de explicitar sentidos que deram às nações e à democracia sua forma e justificativa. A entrada da disciplina de história nas faculdades e escolas servia para instruir acerca do passado da sociedade da qual os alunos eram parte, e também para dotar o ensino de conhecimentos cada vez mais tributário das pesquisas que eram realizadas nos institutos fundados para tal fim.

O problema é que, naquele contexto a história “ao profissionalizar-se, oficializou-se” (NEVES, 2011, p. 26), com as conseqüentes decorrências disso, o que acabaria por desembocar no final do século XIX numa história cada vez mais conhecedora de coisas, mas pouco esclarecedora pois que tendo como objetivo expor o passado da nação recém instaurada, justificando-o muitas vezes, ficava impedida de realizar explicações que colocassem a nu contradições e desmazelos ocorridos na formação dos estados-nação. Com tudo isso que foi dito, pode-se agora fazer a distinção já apontada entre história- narração e história problema.

A história-narração apresenta o passado a partir do exame de fontes e desemboca na análise de minúcias, do específico e do individual. Há singularização expressa no foco do detalhe do que é estudado. A dificuldade desse tipo de abordagem é fazer a tessitura dos fragmentos históricos possibilitando explicações de fenômenos que possam ser ligados entre si ou que tenham alguma relação mesmo não estando explicitamente ligados. Dito de outro modo, ou antes, a dificuldade desse tipo de fazer histórico está na compreensão do passado a partir de fragmentos analisados no tempo presente e sob o olhar do historiador que também tem sua cabeça no presente. Assim, entender os significantes da história tornar-se tão fundamental quanto dar significado ao que é apresentado, pois ao individualizar os eventos o risco da falta de continuidade e

ligação entre eles é notório, podendo o evento ser tomado por ele mesmo, como se autônomo fosse. Mesmo assim, e como não poderia deixar de ser, há uma tentativa de encadeamento entre os diferentes aspectos do passado estudados e expostos pelo historiador, que, para tanto, se vale da cronologia salvando a narrativa pelo encadeamento temporal, quase sempre linear. A questão é que, num tal trabalho historiográfico, os eventos só fazem sentido dentro de uma série histórica, com os elementos dispostos dentro dessa série e garantidos pela narração que, de certa forma, os homogeniza. É o discurso do historiador que cria o amálgama colocado pela ferramenta narrativa entre as diferentes minúcias elencadas e trazidas pela pesquisa e pelo exame dos documentos históricos, tomados como provas do passado. Na presente pesquisa sobre a história de Vilhena, os trabalhos de Marechal Rondon e a construção da linha telegráfica devem ser percebidos dentro do projeto maior de nação, como foi anunciado no início, embora nem sempre os documentos lembre isso. De fato, os documentos relatam o que foi feito, cabe ao historiador realizar as hipóteses de trabalho capazes de indicar os traços históricos da Missão Rondon, juntando-os num rede de amplas justificativas.

Voltando a teoria, a história-narração, ou historicismo, apresenta dificuldades explicativas notórias sobre a organização e exposição de fatos anteriores tomados como causa de fatos posteriores, pois nem sempre leva em conta a complexidade dos contextos de onde o historiador em seu ofício retira a matéria prima da narrativa. O conjunto de razões de ordem política, econômica e as características da sociedade de época são apenas esboçadas ou levemente tocadas, já que muitas vezes o fio condutor da narrativa no historicismo se detém a apresentar determinados heróis, tomados como personagens protagonistas dos acontecimentos. Esses heróis servem de modelo e de explicação para os acontecimentos dos quais tomam parte, como se fossem quase exclusivamente responsáveis pelo desencadear dos fatos. É notória a proximidade desse modo de fazer história com o Positivismo, que propõe conhecer a verdade a partir da relação de causa e efeito entre os fenômenos. Também aqui, brevemente, ressaltamos como os documentos da época da realização da Missão Rondon são escritos nessa perspectiva e que, infelizmente, ainda se faz presente em alguns textos atuais.

Além do historicismo, outra forma da história-narração, bem mais avançada e interessante é a do historicismo, cujos procedimentos são diferentes da seriação histórica. O historicismo procura, a partir de uma hipótese inicial, selecionar o material empírico que será analisado. É a pesquisa desenvolvida a partir da elaboração conceitual do pesquisador que leva para o campo de investigação as ferramentas teóricas que visam tomar do conjunto de dados históricos selecionados a partir da hipótese, escrever a história. É o que ocorre, por exemplo, com o trabalho de Karl Marx, no qual “o evento perdia a sua posição privilegiada de princípios explicativos para tornar-se resultado da explicação” (NEVES, 2011, p. 32). Trata-se, portanto de uma forma aguçada e instigante de considerar o passado e que aponta já para os desdobramentos que resultaram na criação da chamada escola de *Annales*, na perspectiva da história problema. Muito brevemente, uma vez que será objeto de análise mais adiante, convém dizer da outra vertente historiográfica, a da chamada história-problema.

Se com Marx o avanço é significativo, pois a utilização de hipótese orienta e esclarece os procedimentos, no começo do século XX, a necessidade de novas abordagens históricas se fazia sentir mais vivamente. Em 1929 Marc Bloch e Lucien Febvre fundam os famosos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, com características que enriqueceram e possibilitaram avanços significativos ao trabalho do historiador. A abertura para novas metodologias tomadas das ciências sociais, a utilização de novas fontes até então tidas como impróprias, pois não são oficiais, como cartas, monumentos, vestimentas, trouxeram novo colorido e recurso enorme para a escrita da história. A proposta de novos objetos até então emudecidos e novos recortes sobre o passado trouxeram a baila problemas poucas vezes pensados. Mais significativo ainda na concepção dos *Annales* é a de que a hipótese de trabalho deve ser valorizada, pois dela depende os recortes que o historiador faz das fontes. Essas novas possibilidades da história trouxeram luz não para os eventos excepcionais, mas sim para o recorrente na história, valorizando acontecimentos tidos até então como triviais, mas que, com a nova metodologia proposta mostravam toda riqueza do passado das gentes.

A experiência dos *Annales* que amplia o conceito de história e seu campo de pesquisa, torna-se fundamental na indicação de uma trilha metodológica capaz de



proporcionar a compreensão qualitativa dos fenômenos ocorridos na história de Vilhena.

Objetivos

A pesquisa em desenvolvimento, cujos resultados até aqui alcançados, tem por objetivo: 1) Compreender a história de Vilhena a partir dos fragmentos históricos existentes; 2) Estudar a história de Vilhena a partir de suas origens; 3) Identificar traços históricos de Vilhena e onde os mesmo se inserem na história geral do Brasil; 4) Observar em que medida a história de Vilhena se inscreve na história do País; 5) Identificar fragmentos da história de Vilhena presentes na memória e na cultura local; 6) Conhecer elementos culturais presentes no passado vilhenense e 7) Analisar relações entre contextos do passado e construções sociais e simbólicas em Vilhena.

Metodologia

Como foi apontado no item anterior, com os estudos da Escola de *Annales*, escola histórica originada em 1929, fundada pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre dos *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, a História ganhou novas perspectivas de análise, novos objetos de estudo e novas metodologias. O caminho aberto para outras abordagens se mostrava rico e necessário. Rico, pois traz perspectivas inovadoras de estudo sobre outros objetos do passado humanos pouco conhecidos. Inovador, pois se mostrava necessário ante o desconhecimento de um universo cada vez maior de fatos e situações que reclamavam a pesquisa o conhecimento histórico.

A Escola dos *Annales*, e particularmente o que viria a originar-se mais tarde, a História Social, se revelam promissoras, para o presente estudo, pois permite analisar o fenômeno social relevante nas configurações da sociedade na qual se desenvolve. Além disso, permite tratar as fontes históricas e realizar as narrativas acerca do pesquisado, valendo-se de outras metodologias, como a história quantitativa, serial ou estatística, a história cultural, e mesmo a história econômica, entre outras. Isso se mostra oportuno quando se trata de pesquisa que tem como objetivo a História ainda não muito

explorada como a de Vilhena. Pois isso permite que, ao mesmo tempo em que não seja a pesquisa cegada por um único elemento do passado, impede o detrimento de um cadinho de cultura mais amplo, como acontece com a histórica local vilhenense, rica e de variados elementos sociais. Ou seja, as abordagens amplas permitidas pelo referencial metodológico em apreço é facilitador da articulação com as fontes múltiplas da história que se pretende conhecer.

Considere-se o fato de os primeiros tempos da ocupação do território do atual estado de Rondônia se fez de modo complexo, pois, ao mesmo tempo em que a faina diária dobrava o mato e erguia postes do telégrafo, havia o cuidado em estudar a etnologia dos indígenas que aqui viviam. É o caso, por exemplo, do trabalho de Roquette-Pinto que acompanhou a Missão Rondon em 1912 e dela extraiu rico material de estudo etnográfico e antropológico. Ora, a Escola dos *Annales* cabe perfeitamente nesses estudos de história, pois que se abre ao diálogo com outras ciências, como a antropologia e a sociologia, aproveitando-se inclusive de seus métodos e possibilita ver outros elementos que não só o político. Nesse sentido, a metodologia escolhida mostra-se promissora, já que trata de objeto de pesquisa múltiplo e que necessita de abordagem que inclua outras metodologias, como soe acontece com os *Annales*

A adoção de uma metodologia dessa envergadura é antes de tudo uma prudência necessária já que a pesquisa que está sendo desenvolvida não pode prescindir de ferramental teórico que lhe permita observar, ver e analisar os múltiplos elementos da história a ser pesquisada. É da hipótese lançada sobre o material que o historiador escolhe as fontes, a metodologia que enriquece as hipóteses é preferível a outras que exclua acontecimentos do passado valiosos para a própria compreensão do presente vilhenense.

É claro que, dada a primeira escolha metodológica, pelos *Annales*, e da segunda, pela História Social, na medida em que a pesquisa avança e os acontecimentos requerem observações mais específicas, se fazia e faz necessário também metodologicamente a escolha de método mais específico. Mas que isso não implique o abandono da metodologia anterior. Nesse caso, o método adotado é o da História Cultural, notadamente em Peter Burke visando alcançar relações simbólicas estabelecidas no contexto da história de Vilhena. Observou-se no primeiro ano de

pesquisa a necessidade de utilização de um referencial mais amplo, o da História Social, na qual a própria história cultural se enquadra, procurando assim dar conta da riqueza de elementos e aspectos que as fontes históricas consultadas demonstram existir acerca do passado vilhenense.

As fontes para pesquisa são inicialmente os livros de época e documentos históricos. Esses seguem numa outra etapa quando a pesquisa se aproximar mais do tempo presente o que vai demandar visita a bibliotecas e arquivos, na busca de documentos de época, jornais e revistas de época, relatórios e outros que o desdobramento da pesquisa vier a indicar.

Ainda sobre a metodologia, e retomando o que se disse no item anterior, ressalte-se aqui que a cultura toma corpo na pesquisa que aqui se insere, pois se faz necessário considerar o *modus vivendi* dos nativos da região quando da chegada da Missão Rondon. As culturas que se entrecruzaram com os trabalhos dos primeiros ocupantes das terras rondonianas, tem na História Cultural, possibilidade de abordagens que ressaltam elementos do passado que se quer pesquisar. Então histórias dos *Annales*, e dentro desta, a história social e dentro desta ainda a história cultural, são tomadas como ferramentas importantes da pesquisa.

Resultados

Tendo como base os dados obtidos na fase inicial da pesquisa é possível inscrever a história de Vilhena no contexto da nação brasileira, no que diz respeito ao projeto de integração ou ao menos de manutenção desses espaços territoriais. Nessa trilha a obra de Marechal Rondon, tão cara ao nosso estado, pode ser vista como meritória, porém não exclusivista, uma vez que, como militar, obedecia ordens superiores com objetivos que atendessem de algum modo os interesses do País.

Vilhena é marco importante no entrecruzamento de caminhos, sendo ponto estratégico e desde 1917 já figurava no mapa feito pelo antropólogo Roquette-Pinto, que, junto com Marechal Rondon e outros especialistas na missão de 1912, realizaram importantes descrições topográficas, antropológicas, etnográficas da região e de sua gente.



A pesquisa também aponta hipóteses da continuidade entre a própria história de Vilhena e Rondônia com a do Acre, notadamente no que diz respeito a manutenção do território em poder do Brasil e da construção de canais e caminhos, tanto de comunicação como é o caso da linha telegráfica, quanto de estradas capazes de melhorar a passagem e deslocamento de pessoas para além da utilização de rios apenas. Caminhos esses já ventilados por Euclides da Cunha em “A margem da história” (CUNHA, 1975).

Espera-se que a pesquisa em curso possa identificar mais fragmentos da história de Vilhena, contribuindo assim para a compreensão história tanto do Estado de Rondônia quanto do Brasil.

Bibliografia

CUNHA, Euclides. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix, 1975.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Razão na História**: uma introdução geral à filosofia da história. São Paulo: Editora Moraes, 1990.

HEGEL, Georg. **Lecciones sobre la filosofia de la historia universal**. Madri: Revista do Occidente, 1953.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra,

MAQUIAVEL, Nicolau. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**.

Brasília: Editora da UnB, 1994.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. (Col. “Os Pensadores”). São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Bibliografia de pesquisa

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.



- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CUNHA, Euclides. **À margem da História**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.
- BRASIL, Pedro. **Vilhena conta sua História**. Vilhena: Gráfica Delta, 2000.
- GOVERNO do Território Federal de Rondônia. **Conheça Rondônia**. Porto Velho: Rondônia Gráfica Ltda, 1976.
- PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes amazônicos**. São Paulo: Loyola, 1992.
- GOMES, Paschoal de Aguiar. **A educação escolar no Território Federal do Guaporé (1943 – 1956)**. Cuiabá, 2006. Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT,
- GOVERNO de Rondônia. **Rondônia, nos caminhos do desenvolvimento**. Porto Velho: Do autor, 1989.
- LEAL, Paulo Nunes. **O outro braço da cruz**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Arte Gráficas, 1984.
- NENEVÉ, Miguel. **Olhares sobre a Amazônia** = Looking at the Amazon. São Paulo: Terceira Margem 2001.
- OLIVERIA, DARI. **Vilhena: ontem, hoje e amanhã**. Vilhena: Rondoforms, 2002.
- RONDON, Cândido Mariano. **Missão Rondon**: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.
- ROOSEVELT, Theodore. **Nas selvas do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.
- ROQUETTE-PINTO, E. **Rondônia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- SENADO FEDERAL. **Missão Rondon**: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon 1907 a 1915. Brasília: Senado Federal, 2011.



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua vida**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.